

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 82

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1905

E prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno	8\$000
Semestre	4\$000
Trimestre	2\$000

Brazil

Anno	45\$000	moeda franca
Semestre	25\$000	» »

Territorios da união postal

Anno	9\$000
Semestre	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SEculo."

43 - RUA FORMOSA - 43

OS MELHORES CANDIEIROS

PARA PETROLEO SÃO

Os candieiros americanos
nickelados

(SYSTEMA APERFEIÇOADO)

QUE SE VENDEM

NA

COLONIAL OIL COMPANY

Estes candieiros, bem como todos os que se vendem no deposito da **COLONIAL OIL COMPANY**, são magnificos, dando excellente luz, muito tranquilla e clara, e não produzem mau cheiro, nem fumo. São de inteira segurança, muito economicos e baratissimos. Acaba de chegar uma importante remessa de elegantes-candieiros proprios para casas de campo e praias.

Ninguem deve comprar um candieiro sem fazer uma visita ás installações da

Colonial Oil Company

Palacio Foz = AVENIDA DA LIBERDADE

LISBOA



Campião & C. 2ª Rua do Am-
paro, 118

Para proxima hora de
12:00 a 2:00 réis

utilizados a custo zero.

Até de Junho
€60.000\$000 réis

utilizados a 20000 réis

Rua do Amparo, 118 - Campião & C.



CASA MIMOSO - 129, R. do Ouro, 131

Chegarão
já
de Paris **185** modelos
de alta novidade e
outras novidades. Li-
braria, loja de
têxtil, e outros
grande moda e tin-
tina nova.

M. R. - Os melhores preços não são encontrados.
129, R. do Ouro, 131 - Telefone - **CASA MIMOSO**

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marilinda e Sobrinho (Thomaz),
Penete e Casal d'Heremio (Lousa), Vale Maior (Albergaria e Votina).
Instaladas para uma produção annual de cinco milhões de folhas de papel e dis-
pondo das machinicas mais aperfeiçoadas para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão
e de embrulho. To rna e executa promptamente encomendas
para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua
em todas as formas.

Escritorios e depositos: LISBOA - 270, Rua da Princesa, 276
PORTO - 49, Rua de Passos Manuel, 51

Baterias telegraphicas: Lisboa, Companhia Prado - Porto - Prado - Lisboa: Numero telephonico 500

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

José Joubert Chaves
EDITOR

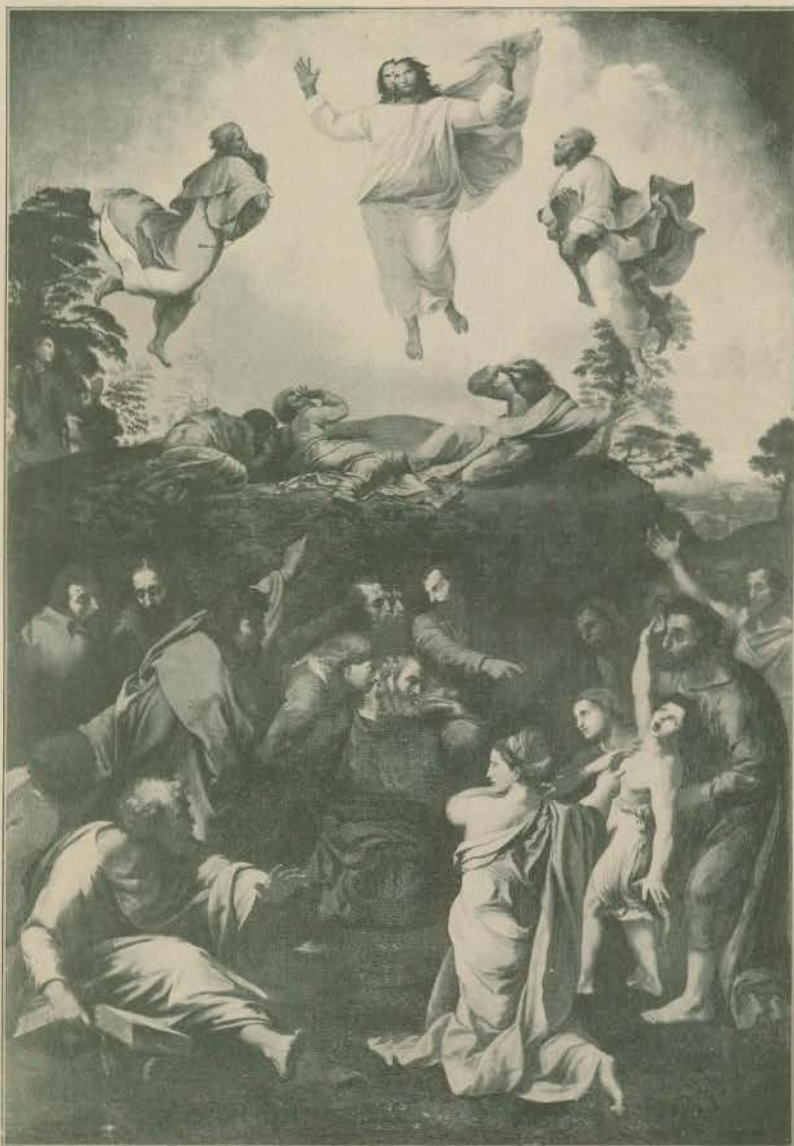
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA., 29 DE MAIO DE 1905

NUMERO 82



A ASCENSÃO DE CRISTO

(Quadro existente no Museu das Janelas Verdes)

A quinta feira d'Ascensão, em que a igreja celebra a subida de Christo ao céu, é este anno no dia 1 de Junho. É n'esse dia que o nosso povo, guardando uma velha tradição, vai pelos campos colher as espigas que no seu ostentamento tudo lhe garantiram o pão do anno. A ascensão de Christo deu-se, segundo os Evangelhos, quarenta dias depois da Páscoa. Dizem nas suas narrações do Novo Testamento os apóstolos S. João, S. Mathias e S. Lucas que o Mestre lhes appareceu uma vez e os conduziu a Be-

thania e que estendendo os braços lhes deu a bênção, elevando-se de seguida ao céu onde ficou a direita de Deus. Os discípulos ficaram em adoração e vieram a ele seguir para Jerusalém a comer o milagre, lha partilhação da interpretação natural da vida de Christo que explicam o facto de d'uma maneira que a religião não aceita.

Dizem estes que Christo se apenas desmaiou na cruz e, após esse desfalecimento, tendo sido julgado, o metteram no tumulo

d'onde veio com grande pavor dos guardas que ficaram aterrados, apparecendo então aos discípulos e saindo-se n'um nevoeiro pelo detraz d'uma montanha no momento em que se chamou ilustremente a Ascensão.

Se a porém interpretado de qualquer forma o facto, é certo que não está assim arrigado na crença catholica e n'essa quinta feira de mai e do abriga nos campos se celebra a ascensão de Habbu para os espaços, para junto de Deus.

CHRONICA

A querella

Ultimamente a imprensa tem preocupado tanto o governo como os christãos a Nero e os huguenotes a Carlos IX. A imprensa entrou nas pastas dos ministros, seguiu-os como uma sombra, apparecullhes como um pezadello, deu-lhes sonhos maus, allucinações, desvarios, azedon-lhes o sangue e d'ahi a repressão. Não se fizeram ainda crucificações como nos jardins do Palatino na imperial Roma dos Cesares, nem houve matanças á Saint Barthelemy como na catholica França da Medicis, porém appareceu — tragico como as crucificações, tumultuoso como a matança — outro supplicio: a querella.

A querella, é a polé burgozmente enroupada, é a espada do Damocles corrigida no armeiro de S. Bento e cortante, gumuda e afiada, brilhante e suspensa pelo ultimo cavallo do sr. José Luciano além na Arcada. A querella era um flagello, agora transformou-se em um vicio. Deve ser originaria d'um paiz de faladores onde houvesse mysterios que não se queroriam ver descobertos, deve estar sob a invocação sacra d'um Sileno soberbo e grave do dedo ancestral o gordo no labio a fazer: *pschii*.

Tem muito de rolha e de mordaca, de venda e de bala. D'ahi a necessidade maior de se falar, de se respirar, de se ver, quando ella nos alcança, d'ahi a glorificação de ser tocado por ella como por um projectil n'uma trincheira em dias de batalha. Por isso a querella sendo muitas coisas é tambem como as cerejas: uma puxa outras.

A pesar de todas estas qualidades, de todos estes poderes, ella não modifica coisa alguma.

Assesta-se sobre um jornal, vem violenta, ferivel e amindada vezes, apparece pela mão d'um official de diligencias mettida n'um papel sellado, traz um cheiro a bafio dos cartorios da Boa Hora, sabe-se que dimana dos ministerios e, apesar da sua origem, não perde o cheiro, fresanda. Porém quando chega já o jornal tem creada uma opinião, já alastrou uma noticia, já fez circular uma phrase, já encheu o paiz das suas ruzões, que entraram no dominio publico, que correram de bocca em bocca, que fizeram pasmar a nação. Querella é como querer destruir uma semente cobrindo-a de terra, é como julgar que um astro desaparece porque uma nuvem espessa o escondou: a semente germina e dá a planta que se abre radiosa ao sol, o astro palpita e reaparece mais brilhante após a treva que gerou



CADENA DO LIMOEIRO—UM ASPECTO DAS OFFICINAS no sumirse. Querellar é supprimir uma força que lá actua.

A imprensa tem qualidades que a tornam imperecivel, reveste-se nas suas questões d'uma armadura: a da Verdade; cobre-se d'um escudo seguro: o da Justica; usa d'uma espada rija e rebrilhante: a do Direito. Um jornal que parece negro é de luz, um pamphlete que parece um carvão é um diamante. Por isso essa preocupação dos governos em aniquillar, em punir, em esmagar, em amordaçar com a querella é um desperdicio de tempo, de trabalho, de paciencia e de rancor.

A querella é por isso uma exerescencia, é como um lobinho: um ridiculo.

Depois, acima de tudo, ha a fé, ha a consciencia com que se dizem as coisas, ha mesmo a coragem na desliza.

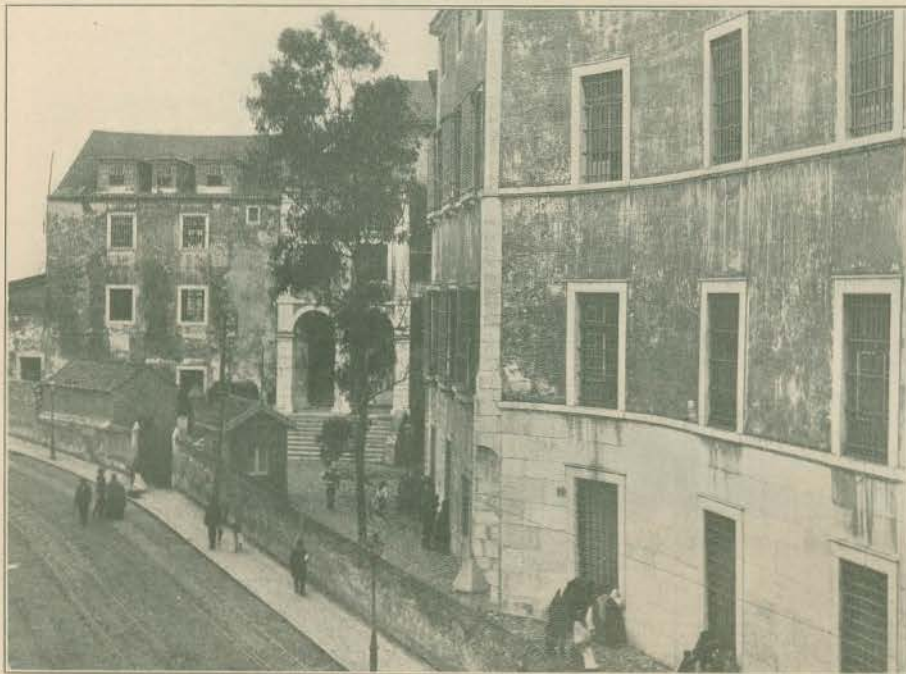
Gollas foi morto por David, porque este levava a fé e a consciencia, Job salvou-se pela resignação, que é a maior das coragens. A imprensa com uma pedra na sua funda derruba pela consciencia um governo que pode ser Gollas; esmagada sabe ter a constancia e a resignação, porque lhe vem a certeza de renascer, de paizar, de reviver, de surgir das cinzas como uma phenix multicolor a alar-se pelos espaços fóra.

E' por isso que ella se torna sagrada, se mostra de cabeça levantada, porque é eterna, no passo que os governos são facções d'ocasião.

A querella pode vir silvante e contudente, mas recebe-se com risos: a perseguição póde chegar violenta e implacavel que se vê apparecer de braços cruzados.

O governo faz uma caçada com trompas que soam alto, que enchem de vozes os ares, bem armado, com um exercito de officiaes de diligencias, com uma provisáo colossal de papel sellado, na ancia de depositar a caça n'um tribunal, e no entanto parece perseguir uma ave soberba que se põe ao alcance da sua espingarda e não é tocada de morte, como um d'ossos phantasmas legendarios, ou se quiserem, como um dnende extranho, empolgante e forte a apparecer tragico em face das violencias, dos ataques, das querellas, para se mostrar no futuro como foi no tempo de Sampaio e como já de ha muito se devia ter mostrado ao ser esbulhada dos seus direitos: um *Espectral*.

O SALVUBRE—FACHADA



CADENA DO LIMOEIRO—A FACHADA



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA «A MORTE CIVIL» NO THEATRO D. MARIA PELA COMPANHIA DA ACTRIZ ITALIA VITALIANI

CARLO DUSE

VITALIANI (SENHA) C. DUSE (CORRADO)
 ADELRANTZ (DOR. PALMEIRA)

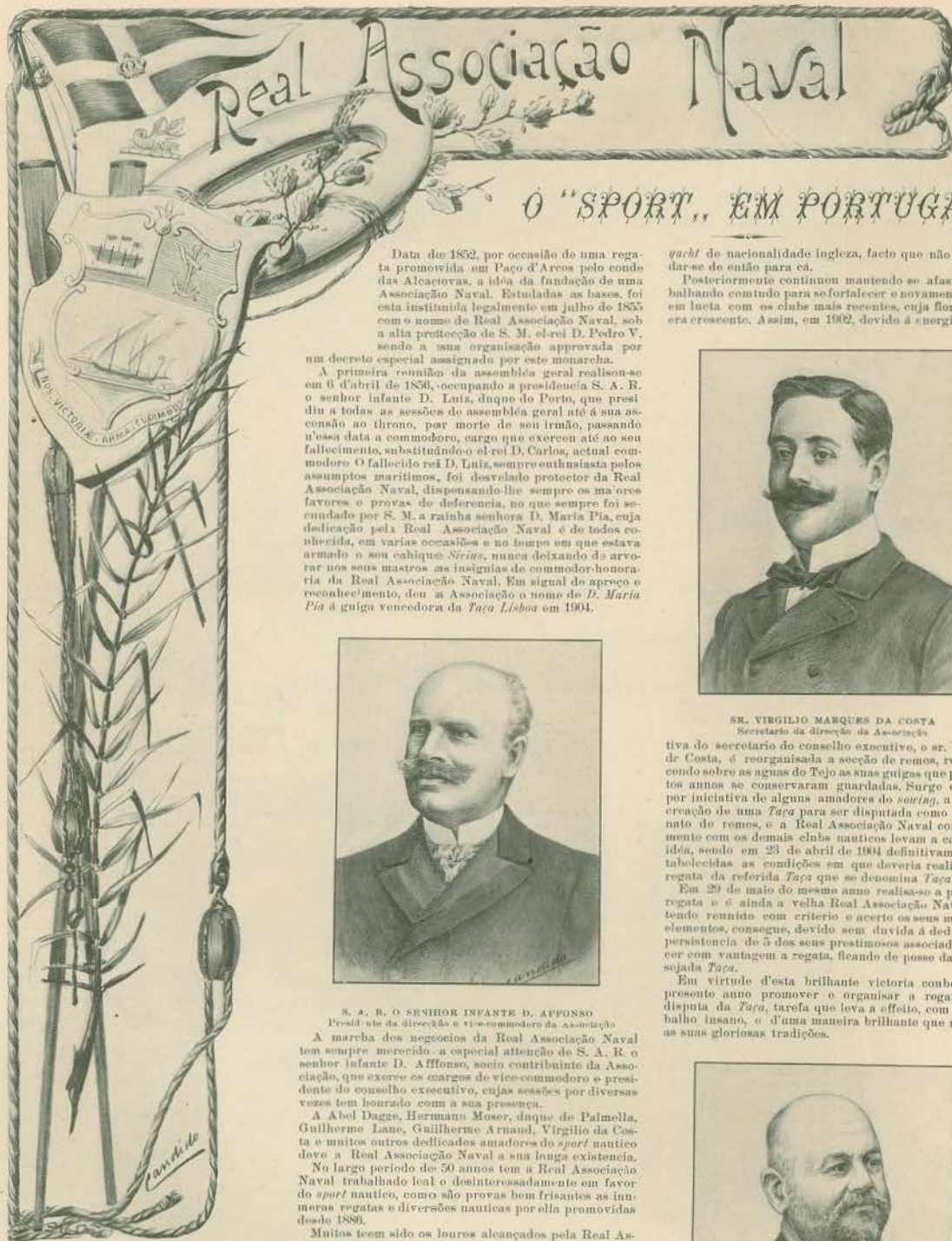
D. LEON (BOBALIA)

Na série de recitas que esta companhia fez em Lisboa ficaram memoráveis as peças *David Copper* e *João das Encanellas*, em que Italia Vitaliani gerou um assombro, e a *Morte Civil*, em que seu marido o actor Carlo Duse é maravilhoso. A *Morte Civil* foi representada entre nós por Vico, o hospitalol' extranjo.

marido, e por Zaccari, o italiano sublime; pelo Carlo Duse, apesar dos paralleteos que se fizeram, converteu-se a altura do papel. Duse é irmão da celebre actriz do mesmo nome, essa mulher vibrante, nervosa, artista de raça cuja carreira é uma serie de triumphos e elle mesmo é um artista de valor marcado.

Em todas as peças representadas em Lisboa elle soube conservar-se brilhantemente, desviando-se do resto da companhia ao lado da bellissima actriz de tão moderna faldão que é sua esposa. Italia Vitaliani na peça *Morte Antonietta* arrastou legiti-

commoer, e ao succeder-se segunda representação do drama o theatro encheu-se, tal foi o autorisoleio que o trabalho da grande actriz alcançou diante das nossas difficilissimas platias, do exigente publico de Lisboa, que conagraron Vitaliani e Duse.



Real Associação Naval

O "SPORT" EM PORTUGAL

Data de 1852, por occasião de uma regata promovida em Paço d'Arcos pelo conde das Alcatovas, a idéa da fundação de uma Associação Naval, Estudada as bases, foi esta instituída legalmente em julho de 1855 com o nome de Real Associação Naval, sob a alta protecção de S. M. o rei D. Pedro V, sendo a sua organização approvada por um decreto especial assignado por este monarca.

A primeira reunião da assembléa geral realison-se em 6 d'abril de 1856, occupando a presidencia S. A. R. o senhor infante D. Luiz, duque do Porto, que presidiu a todas as sessões de assembléa geral até á sua ascensão ao throno, por morte de seu irmão, passando n'essa data a commodoro, cargo que exerceu até ao seu fallecimento, substituindo-o o rei D. Carlos, actual commodoro. O fallecido rei D. Luiz, sempre entusiasta pelos assumptos maritimos, foi desvelado protector da Real Associação Naval, dispensando-lhe sempre os maiores favores e provas de deferencia, no que sempre foi secundado por S. M. a rainha senhora D. Maria Pia, cuja dedicacão pela Real Associação Naval é de todos conhecida, em varias occasiões e no tempo em que estava armado o seu cabique *Sirius*, nunca deixando de arrear nos seus mastros as insignias de commodor-honoraria da Real Associação Naval. Em signal de apreço e reconhecimento, dou a Associação o nome de D. Maria Pia á guiza vencedora da *Taca Lisboa* em 1904.



S. A. R. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO
Presidência da direcção e vice-commodoro da Associação

A marcha dos negocios da Real Associação Naval tem sempre merecido a especial attenção de S. A. R. o senhor infante D. Affonso, socio contribuinte da Associação, que exerce os cargos de vice-commodoro e presidente do conselho executivo, cujas sessões por diversas vezes tem honrado com a sua presença.

A. Abel Dague, Hermann Moser, duque de Palmella, Guilherme Lane, Guilherme Arnaud, Virgilio da Costa e muitos outros dedicados amadores do sport nautico deve a Real Associação Naval a sua longa existencia.

No largo periodo de 50 annos tem a Real Associação Naval trabalhado leal e desinteressadamente em favor do sport nautico, como são provas bem frisantes as innumerables regatas e diversões nauticas por ella promovidas desde 1856.

Muitos tem sido os louros alcançados pela Real Associação Naval; as mais importantes regatas de remos realizadas no Tejo tem sido ganhas pelas suas embarcações. Na regata celebrada por occasião do centenário do descobrimento do caminho maritimo para as Indias, em julho de 1898, was victoriosa na corrida de seis remos 1.ª classe, devido ao cuidado com que havia sido escolhida e treinada a valente tripulação da sua guiza *Alia*.

Afastada por algum tempo da vida activa do sport, nem por isso deixou de manifestar a sua dedicacão e trabalho a favor do sport nautico. Em 1900 e de accordo com a Sociedade de Geographia de Lisboa e o Club detentor da *Taca Vasco da Gama* organisa a regata que devia realisar-se n'esse anno em face das condições de disputa da mesma *Taca*. Devido á consideração que lhe é tributada pelos clubs extrangeiros, conseguiu que viesse a Portugal disputar a *Taca Vasco da Gama* um

gachô de nacionalidade ingleza, facto que não tornou a dar-se de outro para cá.

Posteriormente continuou mantendo-se afastada, trabalhando comtudo para se fortalecer e novamente entrar em lueta com os clubs mais recentes, cuja florescencia era crescente. Assim, em 1902, devido á energia inicial



SR. VIRGILIO MARQUES DA COSTA
Secretário da direcção da Associação

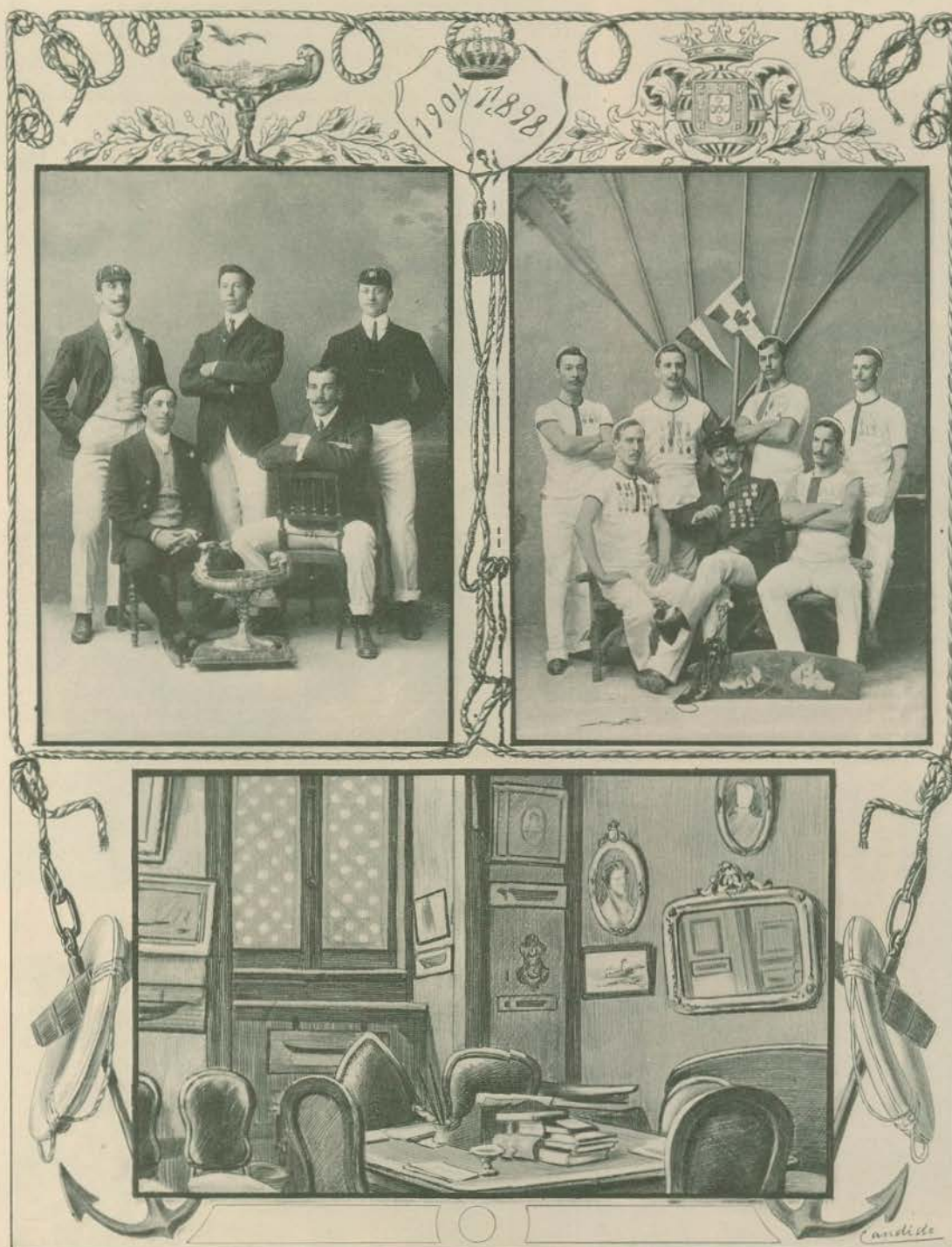
tiva do secretario do conselho executivo, o sr. Virgilio de Costa, é reorganizada a secção de remos, reaparecendo sobre as aguas do Tejo as suas guizas que por muitos annos se conservaram guardadas. Surge em 1903, por iniciativa de alguns amadores do *southing*, a idéa da creação de uma *Taca* para ser disputada como campeonato de remos, e a Real Associação Naval conjunctamente com os demais clubs nauticos levam a cabo essa idéa, sendo em 23 de abril de 1904 definitivamente estabelecidas as condições em que deveria realisar-se a regata da referida *Taca* que se denomina *Taca Lisboa*.

Em 29 de maio do mesmo anno realisa-se a primeira regata e é ainda a velha Real Associação Naval que, tendo reunido com criterio e acerto os seus melhores elementos, consegue, devido sem duvida á dedicacão e persistencia de 5 dos seus prestimosos associados, vencer com vantagem a regata, ficando de posse da tão desejada *Taca*.

Em virtude d'esta brilhante victoria conbhe no presente anno promover e organisar a regata para disputa da *Taca*, tarefa que leva a effeito, com um trabalho insano, e d'uma maneira brilhante que mantem as suas gloriosas tradições.



SR. GUILHERME ARNAUD
Contra-commodoro e director



O SPORT EM PORTUGAL

GRUPO DA TAÇA LISBOA: TIMONHEIRO, SÁ FERREIRA—VOGA, DCARTE JUNIODE—FERNANDO CORREIA—ALVARO DA FONSECA—LUIZ REMBADO
GRUPO DO CENTENARIO DA INDIA: TIMONHEIRO, JULIO BOTELHO—VOGA, J. DE ZEA BERMUDEZ—JOÃO CASQUEIRO—ARTHUR DOS SANTOS—CANEIDO DA SILVA
—JOAQUIM BARCELLOS—WALTER AVATA—A SALA DA REAL A ASSOCIAÇÃO NAVAL NO EDIFÍCIO DA LIGA NAVAL

AS CADEIAS DO LIMOEIRO E DO ALJUBE

Desde o meado da segunda dynastia que o Limoeiro é prisão do Estado. Toda a tradição da morte do conde d'Albuquerque, essa punhalada dada a tempo afugentou d'aquí os reis que foram worar para a antiga Alençova, onde ficaram durante muitos annos. Dos velhos tempos, a actual prisão pouco ou quasi nada guarda.

As successivas transformações que tem soffido rebarbam-lhe o caracter votivo, a chancela da epoca que devia ter. Na sala das entradas, assim chamada porque ali ficam os presos remittidos dos tribunales durante o dia, segundo dizem a mesma onde se deu o assassinio do Alentejo, com a prisão n.º 2, que fica no pavimento inferior, são as unicas casas onde ha uns vagos restos do passado. N'uma ha uns colunelletes que parecem ser do tempo, n'outra ha umas arcarias de certo cunho, uns frestados com algo de caracteristico, não podendo porém affirmar-se cousa alguma do positivo acerca da epoca que ali domina.



UM PRESO NO POSTO ANTHROPOMETRICO: MEDICÇÃO DA CABECA

Parece que só algumas paredes do velho paco real estão da pé; o resto, com o decorrer dos annos, pelas successivas modificações, desapareceu. O Limoeiro hoje não tem esse tetrico aspecto d'out'ora, nos tempos em que ainda havia os oratorios e os carrascos lá den-



O DIRECTOR DAS CADEIAS CIVIS, CAPITÃO AUGUSTO DE BETTENCOURT

tro e as forcas cá fóra. Ainda ha as grades duplas e grossas em todas as janellas, ainda ha as grandes portas de ferro com fechos pesados, todas as precauções, todas as cautelas, todo o aspecto, porque do contrario o Limoeiro não pareceria uma prisão.

Quem atravessa aquelles corredores estreitos que conduzem ás enxovias pode libertar-se á vontade da idéa que está n'uma cadeia. Cansa alguma o indica; tanto pode ser uma prisão como um quartel. Nas enxovias

mesmo, os presos com fardetas de linho, os cabellos cortados, formando á voz do fiel, que é um preso também esculpido pelo seu comportamento e instrução, parecem militares enfileirando-se á voz do cabo n'uma caserna. Os soldados d'essas enxovias onde ha entre 100 e 120 homens são limpos, lavados, as paredes caiadas de fresco, por toda a parte ha um asseio que demonstra cuidados. Percorremos assim algumas das enxovias e subimos para os quartos particulares onde ha o mesmo asseio. A enfermaria é arejada e vasta. O rancho que fornecem aos presos é bem feito, o pão é agradável e sabor. No paco da cadeia estão installadas officinas de carpinteria, serralharria, de lataria e vassouros onde se empregam muitos dos presos e sobretudo pequenotes que para ali enviam enquanto não lhes dão outro destino.

Quando o capitão Bettencourt, actual director do Limoeiro, e a quem a cadeia já muito deve, tomou posse do seu cargo, os presos que trabalhavam recebiam um salario minimo e os trabalhos eram vendidos por conta da direcção, que se encarregava da compra da materia pri-



NAS OFFICINAS

sado. O espaço porém de que se dispõe no Limoeiro é pouquissimo mesmo nas installações, em virtude da grande quantidade de presos que ali se encontram, o que demonstra a necessidade do augmento da cadeia ou o seu dobramento.

No Limoeiro está também installado um posto an-



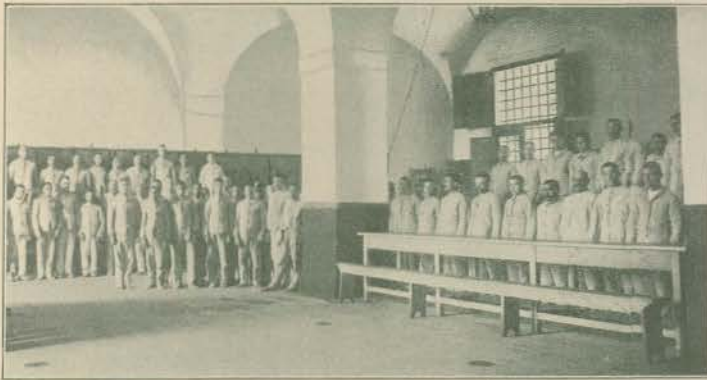
A PRISÃO N.º 2



MODELAÇÃO EM PÃO FEITA PELO PRESO ANTONIO MADREIRA

ma. Agora os presos trabalham por sua conta como associados, sob a vigilancia de mestres. N'esse paco estreito ha um ruido alegre, uma grande vida, uma animação soberba. As ferramentas batendo quebram o silencio da prisão e penna é que não haja um mais largo espaço onde todos os presos que quizessem pudessem trabalhar. Quasi todos desejam empregar a sua actividade e tanto que um d'elles á falta d'outra tarefa se entretinha a fazer esculpturas com miolo de pão amas-

thropometrico onde se fazem as mensurações a todos os presos que entram e que está sob a direcção do sr. dr. Valladares. Entre outros sistemas do reconhecimento por signaes usou-se ali o de Francis Galton, que consiste na marca das phalanges n'um papel onde ficam todos os accidentes da pelle e que por uma formula que se



A PRISÃO N. 3



UM GUARDA

tira se torna uma segura maneira de marcar identidades.

Os presos são visitados todos os dias do meio dia ás duas horas da tarde, o que lhes adoeça um pouco os dias do prisão.

E assim, d'uma maneira rapida, passamos revista ao Límoeiro que é a prisão mais importante da cidade depois da Penitenciaria, destinada, como se sabe, aos crimes de maior importancia.

che, tomando d'esta forma baranho geral do quatro em quatro dias.

Em cada uma das tres prisões existem tanques onde se faz a lavagem de toda a roupa do Límoeiro, modida adaptada pela actual direcção e que traz uma economia para o governo de 800000 réis annuos.

As lavadeiras ganham 60 réis diarios.

As roupas brancas e de estivo dos presos são feitas pelas reclusas que se entregam ao trabalho, com uma

horadas, por se encontrarem longe dos meios perversos onde habitualmente viviam, rodeadas de estimulantes de toda a ordem. São frequentemente catechizadas pelas irmãs de caridade e por algumas senhoras da melhor sociedade, mostrando-se pelo menos reconhecidas



A SECRETARIA

No Aljube as presas levantam-se ás 6 horas da manhã e em seguida, por turnos de 20 por dia, dirigem-se á casa de banho onde recebem um banho frio de du-

pequena remuneração, muito gostosamente, parecendo que dia a dia se transformam n'acquaella atmosphera.

Vivem n'um socego e asseio notaveis, parecendo rege-



OUTRO ASPECTO DAS OFFICINAS

ás boas intenções d'essas senhoras. Algumas damas levam o seu espirito de caridade a pernoitarem com as presas na vespera da communhão, a fim de serem garantias da pureza em que ellas se apresentam na meza divina.

A Associação das Senhoras Viúvas sob a protecção da rainha senhora D. Maria Pia e a collectividade que mais se empenha na regeneração das presas, notadamente a vice-presidente, a ex.^{ma} sr.^a D. Victoria d'Oliveira Martins, viúva do grande pensador e estadista Oliveira Martins.

Os castigos applicados, raras vezes, de prisão em cela privada são sufficientes para a manutenção da disciplina, apesar da pessima indole de algumas presas que contam as dezenas o numero d'entradas no Aljube.

A ameaça da duplicação dos banhos frios ou da privação da cabeleira é decisiva, mesmo nas mais endurecidas recidivistas, pois guardam sempre a maior coque-teria mesmo na prisão.



UM QUARTO PARTICULAR



A ESPERANARIA



Um grupo de senhoras presidido pela sr.^a D. Victória d'Oliveira Martins, viúva do glorioso escriptor Oliveira Martins, dedicou-se n'um louvavel intuito de piedade e alta caridade a prote-

ger as reclusas do Aljube, essas mulheres condemnadas á prisão e que para tal se interessam pelas suas culpas. Velam por ellas essas damas, soccorrem-nas e levam a sua caridade a ponto de

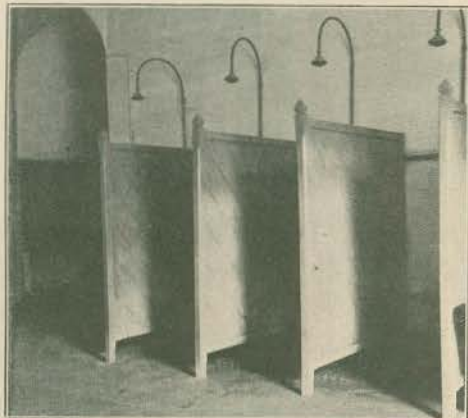
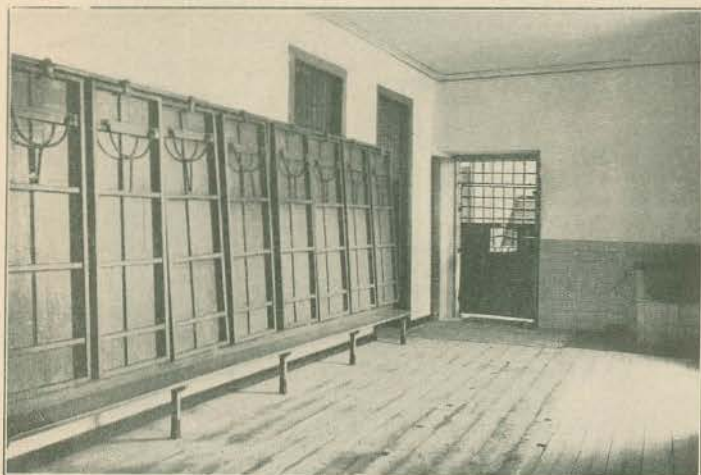
ficarem junto das presas na véspera do dia em que têm de commungar, a fim de que vão para a sagrada mesa em estado de graça.

A COMMUNHÃO DAS PRESAS DO ALJUBE

A communhão realisou-se no passado domingo, 21 de maio, sendo ministrada pelo sr. archiepo de Mytilene. Fui da cerimonia fui servido o almoço ás presas a expensas das mesmas senhoras,

que serviram as commungantes, fazendo uma alheiação e o recendo sr. Santos Farinha, que recomenden ás presas que se redimiam dos seus peccados e que entrassem no caminho do bem.

A festa foi sobretudo commovente, sendo para louvar a caridade das senhoras que a promoveram.



A COMMUNHAO ÁS PRESAS DO ALJUBE EM 21 DE MAIO DE 1905 — ALGUNS ASPECTOS DA PRISÃO

UMA ENXOVIA COM AS CAMAS LEVANTADAS — A CAPELA — UM GRUPO DE RECLUSAS — CASA DE BANHO — OUTRO ASPECTO DA ENXOVIA — AS PRESAS NO TRABALHO



UMA IMAGEM DA VIRGEM DESTINADA AO SANATORIO DE PARSEDE, ESCULPTURA DE COSTA MOTTA



MANHÃ DE S. JOÃO, ESCULPTURA DE COSTA MOTTA, BORNICO, ADMITIDA NO SALON

Já ha tempo foi publicada no *Seculo* uma referencia á inscripção que existia nos rochedos das cataractas de *Jalalla*, mandada gravar pelo grandioso marinheiro que se chamou Diogo Cão, quando, depois da descoberta, subiu o *Zaire* até onde nunca, com toda a probabilidade, europeu nenhum chegára até então, e que uns vandalos fizeram desaparecer.

Não era estranho para ninguém que ultimamente se tinha perpetrado no *Zaire* o vilissimo vandalismo executado na gloriosa rocha, folha d'ouro da nossa historia de navegadores, que durante seculos mostrava ao mundo, na phrase chã d'aquelles tempos, o direito, a primazia conquistada por um caminho cheio de perigos desconhecidos, que Portugal tinha aquella immensa arteria a que chamamos *Zaire* e a que os estrangeiros, systematicamente, chamam *Congo river*. Proximo-se que fossem agentes do Estado Independente do Congo os auctores d'aquelle infamissimo vandalismo, de apagarem o pico, e a bola, a cruz e as armas gloriosas da nossa nacionalidade, para proverem ao mundo que foram elles os primeiros que... em 1884 ou 1885 chegaram tão longe, subindo o *Zaire*! Desapparecem a inscripção, mas,

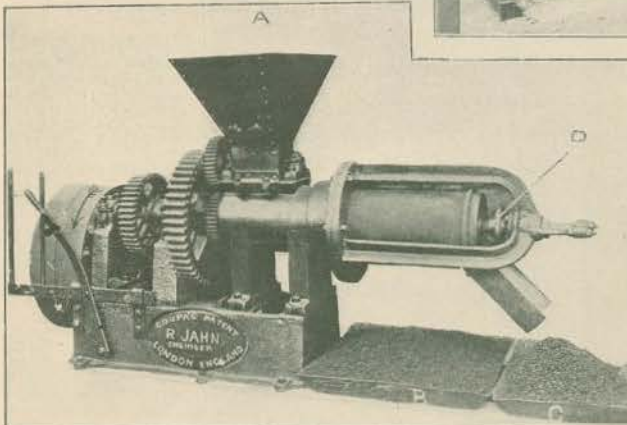
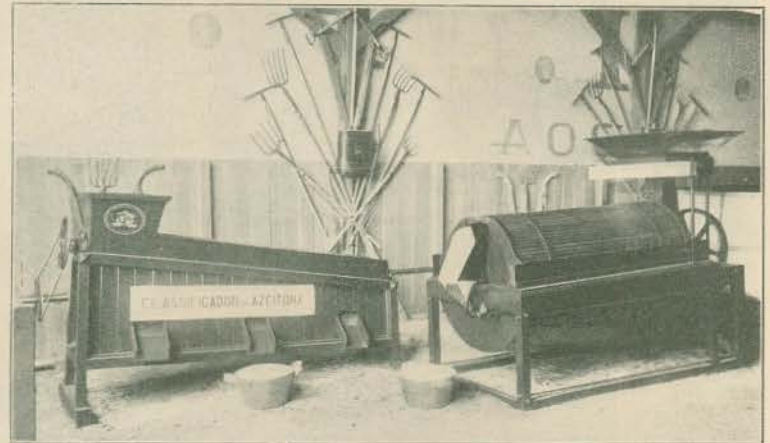
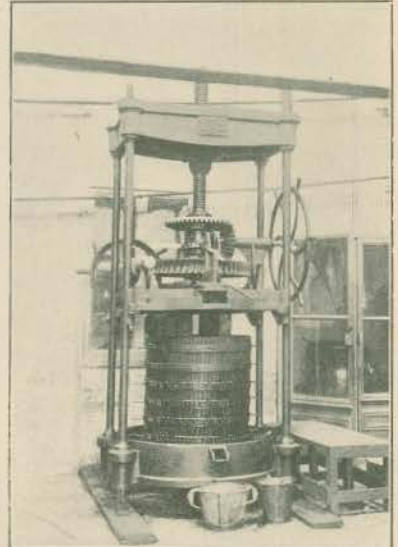
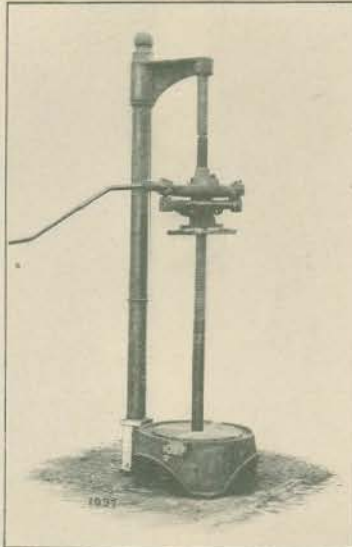
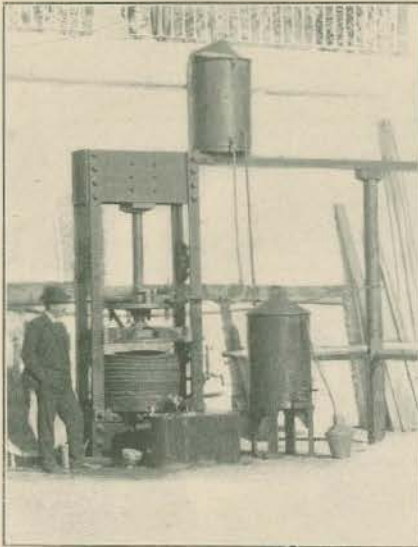


AS INSCRIPÇÕES DE DIOGO CAO NAS S CATARACTAS DE «JALALLA» NO ZAIRE

antes, um benemerito missionario tinha-se encarregado de photographar o padrao da passagem de Diogo Cão, prevenido já que pouco mais tempo elle ouviria os rugidos do protesto das aguas despenhando-se no abysmo contra o ousado marinheiro portuguez que ha mais de quatrocentos annos devassou os mysterios tenebrosos do grande rio! A proposito, conta-se o seguinte acontecido com Stanley:

Quando o celebre explorador subiu o *Zaire*, ao chegar aos rapidos acima do *Tivi* e por consequencia já proximo dos rochedos do *Jalalla*, apurouse a dissa para a tripulação do pequeno vapor que o acompanhava, tendo, por signal, como machinista, um portuguez chamado Pessoa: Chegou até onde nunca europeu nenhum chegou! Poucos segundos Pêo deu a illusão, pois que as aguas, desviando-se um pouco, pelo effeito dos redemoinhos da parte superior do rio, puzeram a descoberto, perante os olhos assombrados do celeberrimo explorador e da tripulação do vapor, a inscripção mandada gravar por Diogo Cão.

(Depois de composto este artigo soubemos por informaçoes do sr. conselheiro Ramalho Curta que as inscripções não foram apagadas.)



O CONCURSO DE MACHINAS AGRICOLAS NA REAL TAPADA D'AJUDA

PRESSA PARA LAGAR D'ARREITE, SYSTEMA COLLARÉ, CASA MONTE GALVÃO—PRESSA PARA ARREITE, EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA—PRESSA E DEPÓSADO D'ARREITE, CASA QUERINÇA D'EVORA—A SÁLVIA QUE CONSTITUE O PRIMEIRO PREMIO DA EXPOSIÇÃO—CLASSIFICADOR D'AZÚCAR E LAVADOR D'ARREITE, DA EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA—MACHINA PATENTE COFFA PARA DESGATOCAR ARREITORA, DA CASA CARLOS CORREIA DA SILVA—BATIDORA VICTORIA, DESGATADORA MELLOTT, CASA CARLOS CORREIA DA SILVA

Diversas casas expuzeram as suas machinas n'este certamen levado a cabo pela Sociedade d'Agricultura, destacando-se no entanto a Empresa Industrial Portuguesa com os seus machinismos d'applicação agricola e de fabrico portuguez, o sr. Street com as desgatadeiras e aparelhos para a fabricação de manteiga, e sr.

Carlos Correia da Silva com magnificos engenhos para os mesmos trabalhos, e que estavam bellamente instalados á entrada do pavilhão e o sr. Quodroga, d'Evora, que apresentou entre outras machinas algumas para lagares, que eram soberbas. Os visitantes podiam ver trabalhar algumas d'estas machinas sobtudo as

que estavam nos pavilhões e entre ellas as bellissimas desgatadeiras das mantieigas n'açoes, entre cujas fabricas sobressa a do sr. Correia da Silva. A Exposição está a terminar e realmente foi um dos mais bellos certames que se tomou realisado em Portugal.



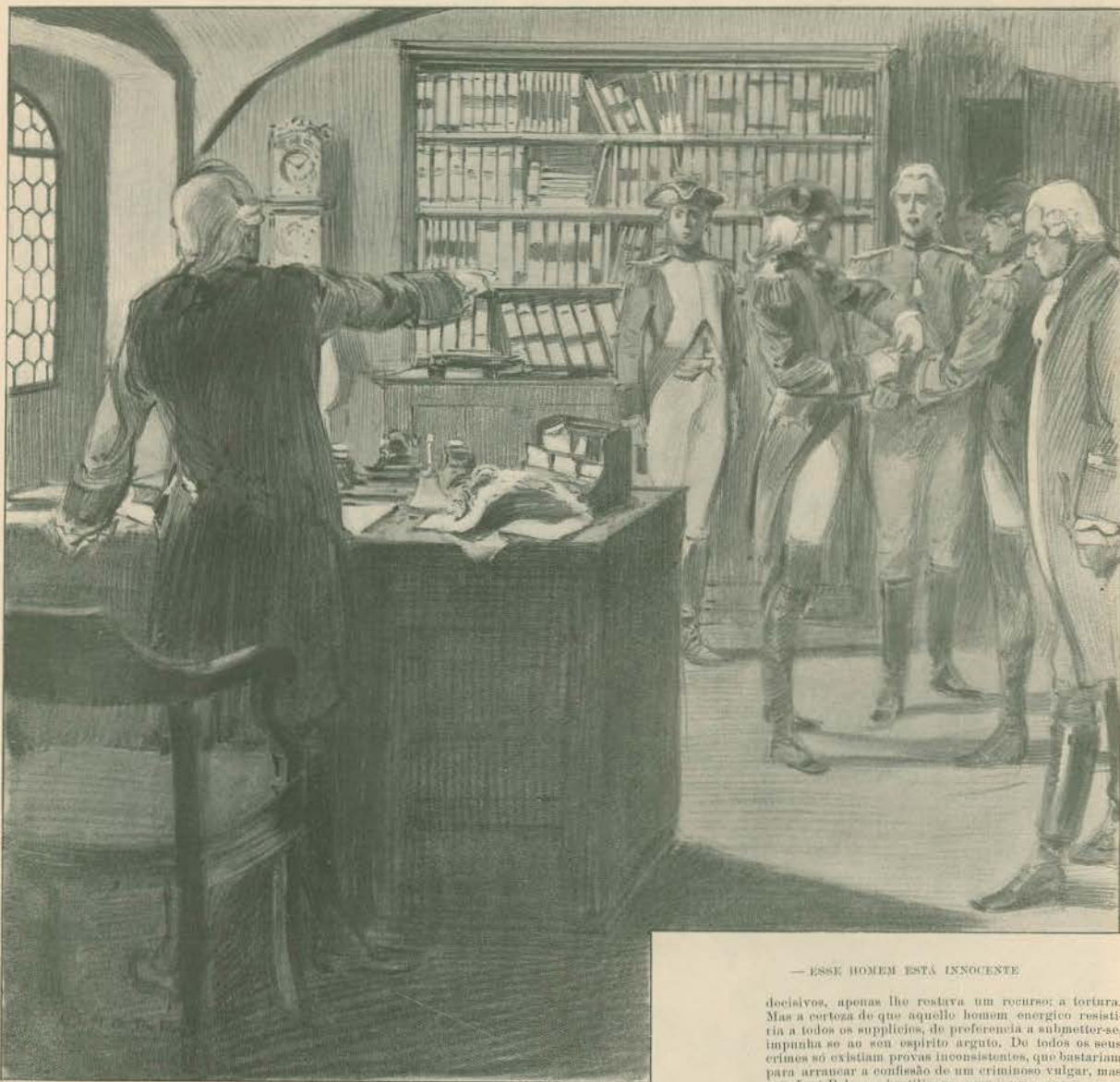
A COMPANHIA HESPAÑOLA DE ZARZUELA ACTUALMENTE NO THEATRO D. AMELIA. DIRIGIDA PELO ACTOR NADAL E COMPOSTA PELOS ACTORES E ACTRIZES SRAS:

1. HERVAS—2. MICO—3. PEYDRO—4. GONZALEZ—5. VALENZUELA—6. AMADO—
 7. CABR—8. RECOBER—9. FERRIZ—10. NADAL—11. DIAZ—12. BAK—
 QUIBER—13. CATALA—14. ALBA—15. TABERNER—16. MAYRAS—17. PAS-

TORA IMPERIA—18. BOVILA—19. MARQUE—20. VALENZUELA—21. CA—
 BELLEDO—22. MÚS—23. HELLÓTS—24. MÚS—25. ESPAS—26.
 GARCIA—27. ROSALYS—28. ARTAY—29. ROMAS—30. RYD SHIDZ—31.

MUGINA—32. ENRIQUETA—33. VIOLETA—34. FILONENA—35. SEVILLANA—
 36. LUDERMA—37. MARIA BRISA—38. BAYARRI—39. PARELLA—40.
 MORA—41. ROSA—42. SANCHEZ—43. FERNANDES—44. CERROS—45. VA-

LENZUELA—46. CLOTILDE—47. NAVAL—48. GARCIA—
 49. NAVAL—50. BRYES—51. FUENTES—52. BARQUEIR



— ESSE HOMEM ESTÁ INOCENTE

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA—ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

—Mas como eu não quero ter espirito, ao primeiro sorriso provocado por palavras minhas, mandarei vir o cavalleto e as cunhas!

Cagliostro fechou nervosamente as mãos, n'uma impetuosa colora.

Fez-se de novo um curto silencio e Pina Manique recommençou:

—Enquanto a sua seje continuava caminho para as Caldas, perseguida pelo piquete, o sr. José Balsamo, com o habito de frade, entrava na estalagem, onde se fez passar por um franciscano hespanhol, de jornada para Obidos. Convenhamos que a sua situação era difficil. A policia estava ao par da sua situação e perseguia-o. O cadaver do sejeiro jazia n'uma valleta da estrada, accusando-o de um crime. Ignoro quaos fossem os seus planos, ao passar as portas da hospedaria. Talvez o apoderasse de um cavallo, galopar para Lisboa e refugiar-se em Queluz. Mas o encontro inesperado de um sargento da escolta na estalagem deu-lhe occasião para modificar totalmente esse plano audacioso. Aproveitando-se da ombragem ou do somno d'esse homem, substituiu-se pelo cadaver do sejeiro, fazendo

acreditar que o frade fora assassinado na estalagem. Ignoro ainda os pormenores d'essa astuciosa burla. Mas mandei levantar a planta da hospedaria; os interrogatorios continuam em Roma; e vou acarealo com o sargento. Persiste em negar que tenha viajado de seje pela estrada das Caldas, na noite de ante-hontem? que tenha pernitado na hospedaria de Roma? que tenha assassinado, de cumplicidade com o seu creado napolitano, o agente da minha policia, que conduzia a seje?

—Sobretudo, Cagliostro respondeu:

—Persiste.

Pina Manique agitou a campainha de prata e ordenou a Jeronymo Esteves, cuja peruca de castanha arrebitada alvejou a portas:

—Faça conduzir o sargento da escolta, implicado no crime de Roma!

Cagliostro permaneceu impassivel, de braços cruzados, preparado para mais aquella prova.

Pina Manique, que se levantara, recommençou o seu agitado passeio pelo gabinete, absorto n'um raciocinio ainda confuso, que inutilmente tentava esclarecer.

Se a acareação com o sargento não desse resultados

decisivos, aponas lhe restava um recurso: a tortura. Mas a certeza de que aquelle homem enérgico resistiria a todos os supplicios, de preferencia a submittor-se, impunha ao seu espirito arguto. De todos os seus crimes se existiam provas inconsistentes, que bastariam para arruinar a confissão de um criminoso vulgar, mas que José Balsamo inutilisava, uma a uma, como armas infantis destinadas a debellar um gigante. Só um golpe decisivo, uma prova flagrante conseguiria abater esse actor diabolico, experimentado nas lutas com a justiça. Mas essa prova, onde obtida? Onde ir buscar a tes tesmucha ou o vestigio irresponsivel daquellas acções delictuosas? E sobretudo, uma difficuldade, maior do que as restantes, lhe prendia os movimentos: o ignorar a missão que esse perigoso aventureiro ia cumprir ás Caldas, envolto em tanto mysterio. O receio de se ver subitamente embarcado n'um negocio politico enfraquecia-lhe o animo e restringia-lhe o poder. A sombra do principio parecia proteger aquelle homem, cheio de insolente orgullo e de soberbo desprezo ante as suas ameaças. Adivinhava-o protegido por perigosos segredos do Estado, armado contra a justiça, por ventura feito instrumento de todo o partido dos descontentes. Atraz de José Balsamo, Pina Manique entrevia a revolução.

Agitadamente, entre as janellas e a porta, o Intendente passava, ao *hac-hac* do relógio.

Cagliostro affasturava-se para lhe dar passagem e permanencia silenciosa e quieto ao seu canto, com a cabeça inclinada sobre o punho da mão direita, o braco esquerdo cruzado no peito, e de tal fórma absorvido que nem o rumor da porta, ao abrir-se, o distrahiu da sua meditação profunda.

Pina Manique parava a mefio do gabinete, despedira com um gesto os agiões e o official da secretaria.

Pallido e tremulo, com a farda róta e sem botões,

desfigurado pelo terror e pelo pavor, o hercules estacou á porta, estendendo, n'um gesto de supplica, as mãos algomadas.

Pina Manique olhou-o fixamente, encontrou a innocencia no fundo d'aquellas orbitas, que o medo dilatava, e indicando Cagliostro, perguntou:

— Conhece este homem?

O preso ergueu para Cagliostro os seus olhos cavados, mediu-lhe a altura, procurou-lhe na face pallida e triste as pupillas chammojantes. Mas nada, n'aquelle homem abatido, n'aquelle rosto resignado, n'aquelle olhar sem brilho, correspondia aquella outra imagem infernal, de olhos em lume, crepitando nas sombras do capuz de burel.

— Conhece este homem? — repetiu Pina Manique, com aspereza.

O sargento deu dois passos cambaleantes, que fizeram tinnir, com um rumor sinistro, os anéis de ferro das algemas, de novo fixou, amedrontado e perplexo, o vulto de Cagliostro, e quedou immovel, n'um embateço afflicto, com o suor a gotejar nas temporas.

Pina Manique adiantou-se pomposamente, apontando com o dedo Cagliostro.

— Não reconhece o frade da estalagem de Tana?

O hercules esgaseou mais os olhos atônitos.

— O morto?

— O vivo! — gritou Pina Manique enfurecido.

Mas ouviu o homem estous-se, vergou a cabeça, ficou a tremer, como um animal bravo, que se sente cercado.

— Responda! Reconhece n'este homem o frade de Runa?

O accusado caiu de joelhos, com um tinnido de ferros, e elevando ao céu as mãos algomadas exclamou:

— Estou innocente! Não fui eu quem matou o frade! Juro-o pela santa cruz! Foi obra do demónio!

Pina Manique tocou a campainha, fez levantar a força do chão aquelle pobre animal apavorado, mandou introduzir no gabinete e seguiu surroudo a quem fôra commettida a diligencia e a perseguição da seje até ás Caidas.

O homem apresentou-se receoso e humilde, como um culpado. Fôra elle quem, no regresso a Lisboa, apeando na hospedaria, arrombara com o estalajadeiro as portas do quarto das assotas, dando com o cadáver do frade calhado aos pés da cama do sargento.

O gabinete enchi-se de repente. Faltavam só o estalajadeiro e as mulheres, prezas em Runa, á ordem da justica.

Os sagdiões continham de pé o sargento, que chorava. Cagliostro permanecia impassível, fitando reflectivamente as flores do tapete.

Pina Manique folheou os numerosos papéis da secretaria e esteve relendo as interminaveis commoicações do meirinho de Runa sobre o mysterioso homicidio.

Afastando depois a penultima, com um gesto de rude impaciencia, fez avançar o sargento.

— A que horas chegou o piquete a Runa?

O homem titubou.

— Ás quatro horas da madrugada, excellencia.

— Ainda era noite?

— Estava rompendo a aurora.

— Quantas vezes foi necessario bater á porta da estalagem, antes que a viessem abrir?

— Cinco vezes batemos, mesmo de cima dos cavallos, com as coronhas das armas. Todas as portas estavam fechadas á chave e trancadas.

— Reparou nas janellas?

— Todas fechadas, excellencia.

— Com que meios recebeu o estalajadeiro a escolta?

— Vinha ainda a dormir. Perguntei pelo sargento.

Foi chamado ao quarto e voltou com a reticela de que encontrava as portas fechadas e não obtivera resposta ás chamadas. Mandou apagar dois homens e descer do cavallo. Sibimbos os tres a oscada, com o almocorvo. Arrombámos a porta e tivemos do estar outra vez um frente ao quarto occupado pelo sargento, cuja porta se achava da mesma maneira fechada.

— Com a chave na fechadura interior?

— Não, excellencia. Tanto a chave do quarto como da porta da oscada foram encontradas junto do cadáver do frade.

— E ninguem reparou se cabiam pela frecha da porta? Ninguem se lembrou de verificar se era possivel telas algum arconçado de fóra para dentro?

O homem ficou suprehendido e embaralhado, olhando as duas mãos cabeludas.

— Ninguem se lembrou, excellencia.

— O sargento ainda dormia ás 4 horas da manhã?

— Foi preciso acordal-o á força.

— Em que posição estava o cadáver?

— Deitado de costas, aos pés do catre.

— Havia muito sangue no soalho?

— Apenas duas nozdas pequenas.

— Onde tinha o frade a cutillada?

— No lado esquerdo do peito, entre as costellas.

— E como é que um homem morre de uma cutillada no peito, sargento, derramando tão pouco sangue?

Todas as cabeças se ergueram, aquella pergunta.

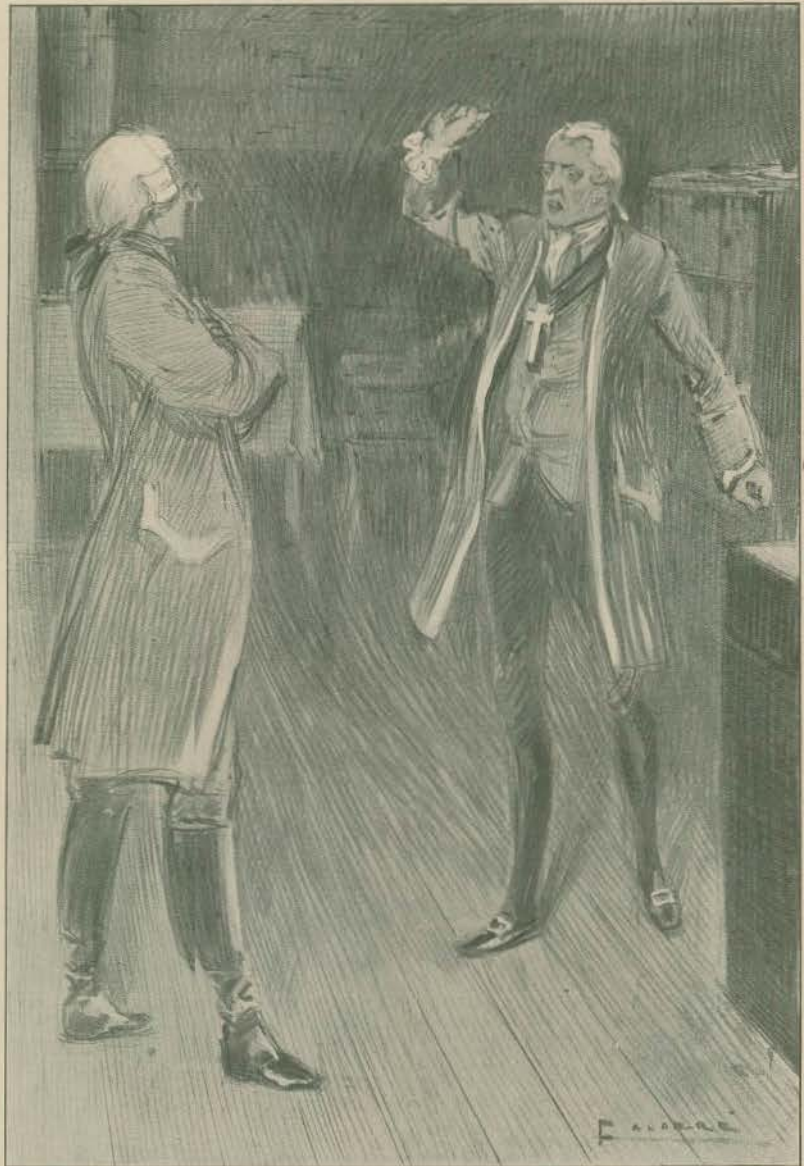
Pina Manique estendeu o braço, ordenou com voz estridente:

— Tiram as algemas a esse homem!

E entre o espanto geral, de novo se elevou a sua rispida e auctoritaria voz:

— Esse homem está innocente!

O accusado ficou immovel, n'uma quotação de asombro, enquanto os sagdiões lhe desembaracavam as punhos das algemas.



POSSO EXTERMINAR-VOS NA TORTURA

Cagliostro assistia impassível, como um espectador indifferente, aquella scenia e theatral, quando Jeronymo Esteves appareceu do trás do porteiro e a sua voz nasalada annunciou da porta:

— Venha de chegar das Caidas um staffeta com esta carta urgente da lord Beckford.

Pina Manique quebrou indolentemente as orelhas encarnadas, abriu a carta, sem se pressa. Mas, logo ás primeiras linhas, o seu rosto transfigurou-se.

— Saia tudo! Deixem-nos a sós!

Os sagdiões empurraram o os soldados. Jeronymo Esteves bateu no hombro de Cagliostro, que estromocou, como um homem que subitamente acorda.

— O conde de Cagliostro fi real — disse o Intendente.

Cagliostro notou que a sua voz serena de repente se comprehendeu que tudo estatava perdido.

Pina Manique esperou que se fechasse a porta e elevando a carta na mão, como um cutello de algar, pruguntou:

— Sabe o que diz esta curaria?

Cagliostro respondeu com singeleza:

— Sei!

Pina Manique teve um risico ameador.

— Lord Beckford faz-lhe as as melhores referencias! Fi-

cou encantado com a sua companhia! As horas pareciam-lhe rapidos momentos, a civili-o descrestar sobre sciencia alchymista! Conquistou um poderoso amigo! Dou-lhe os meus parabens!

— Obrigado, Intendente! Já sabia que o lord era um espiao do gabinete ingles. Ignorava que accumulava essas honrosas funcções com as do espiao da policia!

— Quer que lhe leia a carta?

— Dispens-o d'esse favor, Intendente.

— Entretanto, parece-me vantajoso que a leia.

— E' inutil!

— Ah!

— Confesso tudo e entrego-me!

Pina Manique pousou a carta e disse serenamente:

— N'esse caso, vou chamar o escrivão.

Cagliostro desviou-lhe a mão da campainha.

— Não me recusarei a repetir o meu depoimento, se o Intendente assim o julgar indispensavel para esclarecimento da justica. Mas, antes d'isso, é da maior importancia affastar as testemunhas. Tenho de fazer as mais graves declaracões. Seria imprudente que algum mais me ouvisse.



O CARTAZ DO SR. MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO QUE TEVE O PRIMEIRO PREMIO



O CARTAZ DO SR. JULIÃO MACHADO QUE TEVE O SEGUNDO PREMIO

O CONCURSO DOS CARTAZES DA SOCIEDADE D'AUTOMOVEIS PORTUGUEZA

CHRONICA ELEGANTE

A época tardia das festas da Paschoa fez com que se prolongasse este anno a *season* primaveril nas estações elegantes da *Côte d'azur*. O esplendido campo de corridas de Napoule em Cannes foi um dos que este anno esteve mais animado e viu acorrer maior numero de visitantes da mais alta aristocracia e opulencia do mundo luteiro. No meio do cosmopolitismo que dava o tom em questão de *toilettes* notava-se tambem o cosmopolitismo (e assim se lhe pode chamar) das proprias *toilettes* que não apresentaram caracter definido, nem na linha nem na especie dos trajes.



Fig. 1

Viam-se ali, a par com a *toilette tailleur habillée* ou a *toilette d'après midi* até agora destinadas ás corridas e outras diversões diurnas, vestidos de *crêpe lisse*, de rendas e outros tecidos que só se applicavam nos trajes de recepção, de grande cerimonia ou de noite. Entre nós, não em corridas, que não lograram implantar-se aqui, mas



Fig. 2

n'outras festas que tom havido, nota-se igualmente uma certa desorientação na applicação das *toilettes*. N'uma recente festa elegantissima, em *matinée*, viam-se algumas senhoras trajando lindas *toilettes* elegantes do passado, ao passo que outras exhibiam vestidos de *soirée* sómente com o adiçãoamento do chapéu.

Não nos parece que seja para lastimar esta mistura, que assim dá ampla liberdade a todos, e ninguem se privará de ir a uma festa sob pretexto de não ter *toilette* propria, visto que tudo serve, desde o *tailleur* em fazenda de xadrezinho, até ao vestido de *monselline* de seda e rendas.

O *taffetas*, a despeito de todos os prognosticos, continua a ter a grande prodição das elegantes. Fazem-se costumes completos em *taffetas quadrillé*, que são da maior commodidade e distincção; emprega-se a mesma seda em guarnições de *toilettes* em *lâ fina, diamas, roile* e ainda tambem em trajes de *lassor, linon* o *monselline*, tornando assim um *mytho* a appelliação de *lacetete* nos vestidos de algodão.

O *taffetas* é ainda muito empregado para *mantoux* e outros agasalhos de verão tanto simples como muito apurados; n'este ultimo caso, guarnecem-se o *taffetas* com rufos de gaze, rendas finas, e por vezes serve de *dessous* nos ricos *côtelements* de gaze bordada, de *crêpe lisse* ou *guipure*.

FIG. 1—*Toilette* do jantar em tulle preto bordado com *dessous* em *taffetas ricras rose*; *habit* de renda preta guarnecido de *taffetas Pompadour* e ramos de rosas.

FIG. 2—Penteado moderno *Walter*.

FIG. 3—*Toilette* de visitas e *d'après midi* em *guipure* e *taffetas branco*. *Petit manteau* em *taffetas mordoré changeant* com *capucão* de rendas e rufos de fita.



Fig. 3

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - GANDIEIROS e CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

PAULINO FERREIRA Trabalhos simples e de luxo
ENCADERNADOR 126-132 RUA NOVA DA TRINDADE

CREAM OF OLIVES SOAP Um único sabonete que reúne
tudo as qualidades para a bol-
laxa e frescura da tez. Preço 300 R. 15. A' venda nas principais farmácias,
drogarias, perfumarias e casas que se dedicam a venda de artigos cosméticos.
Importador: W. E. DE BELLO - Largo de S. João, 12, 2.º B. - Lisboa.

Todos os dias novas curas com o VIGORISADOR ELECTRICO

DR. MCLAUGHLIN

Dores nos rins, dores neurálgicas e periodicas no estomago, dyspepsia, prisão do ventre
e debilidade geral ha 14 annos, curadas em menos de dois mezes



Dr. Dr. McLaughlin - Tenho o prazer de levar ao conhecimento de
v. que tenho nas minhas mãos, que tenho feito, do VIGORISADOR ELE-
CTRICO, do seu uso, e dos seus resultados, que ha qualrzes annos
simultaneamente, com o fim de debellar sua dyspepsia flatulenta e com do-
res neurálgicas e periodicas no estomago e rins - e bem assim da prisão
do ventre, falta de appetito e fraqueza geral, que ha qualrzes annos
vinda soffrendo com pertinacia e deterioramento sensível do meu estado
geral, obtive melhoras tão consideráveis que me CONSIDERO CURADO,
sendo a minha satisfacção e estado geral do meu organismo, e Agradecimento
e de amor parabens pelo resultado dos seus estudos e invenção, de tão
simples e tão confiado apparatus, que tão melhores resultados
vau proporcionar a humanidade - Portugal, 1 de abril de 1905. - (In
v. 14) F. de S. João.

Dóres nas costas, nervosismo, estomago e fígado,
debilidade, dores em geral,
impotencia e reumatismo, curam-se rápida e
eficazmente.

CONSULTAS e um formoso livro GRATIS a todosos

A V. E. C. - Consultas gratis dos nossos médicos. Quem não p. poder fe-
zerem uma visita mande a sua direcção, que lhe remittamos GRA-
TIS, pela volta do curativo, um folheto extraordinariamente impresso, dan-
do toda a devida info.

Horas: 9 m. ás 8 n.
Domingos:
10 m. á 1 l.

DR. M. P. MCLAUGHLIN Rua Augusta, 1838, 2.ª LISBOA

DOTES PARA CRIANÇAS

DE 1 AOS 15 ANNOS

Em Equitativa dos Estados Unidos do Brazil remittido doações in-
fantis desde a modica contribuição de

500 réis por trimestre

Com esta contribuição receberá uma a criança de um anno
de idade, quanto completar os 21 a annos a quantia de
70\$400 réis Contribuição desde 500 réis até qualquer
quantia, trimestralmente, Contribuições de 500 réis, são a' pagar
de uma só vez. Para mais informações a' P. P. P. da Equitativa
dos Estados Unidos do Brazil.

Largo de Camões, 11, 1.ª - Lisboa

Advertisement for Arthur Gottschalk, featuring Siemens & Halski and electrical services. Includes text: ELECTRICIDADE, Arthur Gottschalk, LUBRO, PALACIO FOZ.

Advertisement for electrical installations and services. Includes text: INSTALACOES, LUZ ELECTRICA, Electrotherapia, Motores a gaz, petroleo e gasolina, Turbina e rodas hydraulicas, Gas pobre, Accumuladores, etc.



Advertisement for ANODOL, featuring a logo and text: ANODOL, O. KLEIN & C. - Rua Thomaz Ribeiro, 182.

Large advertisement for Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, listing various books for sale. Includes text: LIVRARIA EDITORA VIUVA TAVARES CARDOSO, 5, LARGO DE CAMOES, 6, ULTIMAS PUBLICACOES, HANNIBAL E NAPOLEÃO, A CIDADE NOVA, O THEMA DO ENCOBERTO, A VIDA D'UM RAPAZ POBRE, O CONFLICTO, ASPECTOS EUREPEUS, RELIGIÃO DO ESFORÇO.

Advertisement for wine, featuring an illustration of a woman and a bottle. Includes text: PROVEM O BUCELLAS HOCK SANDEMAN PEÇAM EM TODA A PARTE.

Advertisement for GOARMON & C. and SERPENTINA C. Klein & C. Includes text: Mosaicos hydrauluticos e ceramicos de T. do Corpo Santo, 21 LISBOA, Azulejos em lousa, de cartão e em estylo arabe proprios para decorações artisticas, Catalogos sob requisição, Para limpar a prata e todo o metal prateado, fixando-lhe ao mesmo tempo uma fina camada de prata pura, o que dispensa futura galvanisação, RUA THOMAZ RIBEIRO-183.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Verão de 1905 — Serviço de banhos e aguas thermais

Viajem de ida e volta por preços reduzidos — Bilhetes validos por 2 mezes com facilidade de ampliação de prazo — Thermas: Curios, Galdes da Rainha, Curia Mozdães, Pólvora, Alentejo, Anilheiro, Faldapça e Pólvora da Serra (Tortofendo e Covilões); Prainas do Furadouro, Espinho, Graças, Porto, Foz do Douro, Mafra, Lagos, Leça do Balneario, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.

Desde 1. de junho e até 31 de outubro de 1905 esta companhia tem a venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos validos por 2 mezes, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima assignadas.

Aos viajantes d'estes bilhetes é concedida a facilidade de detenção em transito, ampliação de prazo, etc. Demais condições vêr os cartazes affixados nos locais do costume. Lisboa, 45 de maio de 1905, — o director geral da Companhia, (a) A. Espriçoa.

UM BRINDE

CHAMPAGNE MOUSSOUX

50 NA RUA NOVA DO ALMADA 86-90

podeis comprar um brinde fino agradável Sabroso e barato e BARATO

CREAM OF OLIVES Este produto, já considerado notissimo, tornou-se indispensavel em todas as casas de familia. Os seus efeitos são radicaes para a cura da Escrófula de pelle, Hemorrhoidal, Eczematosa, etc. Preço 600 réis pelo cartão, 270 réis — de 1. — 1. e 2. e 3. — Largo de S. João, 12, 1.º e 2.º Andares. — A' venda nas principaes farmacias e drogarias.

C. KLEIN & C.ª

ALCOOL SOLIDO

FIX

Lampada de alcohol sem Resacação LISBOA

Collares F. C.

FRANCISCO COSTA

Este vinho, genuno de Collares, achase a venda nas principaes hotéis, restaurantes e mercearias

DEPOSITO GERAL

Praça d'Alegria, 40

Telephone n.º 716 LISBOA

OS que **TOSSE** por falta e chronica ou em sua cura, tomam as pastilhas de Mazon. Remedio prodigioso e rapido.

ANALYSES de urinas, pas, indústrias e agricolas.

Rua Nova do Almada, 68

INSTITUTO PASTEUR

de 98 por 100 dos enfermos chronicos do estomago a melhora em cinco dias

Pastilhas de Mazon

MRENS com rodas de barra

RUA DAS PEDRAS NEGRAS

31

Telephone 208

AS PASTILHAS DE MASON

São quatro importantes remedios para outras tantas enfermidades

Pastilhas amarellas, para dyspepsia.

Pastilhas pardas, para prisão de ventre.

Pastilhas vermelhas, para tosse.

Pastilhas brancas, para diarréias de gurganta. — Preço 600 réis, pelo cartão 270 réis. — A' venda nas principaes farmacias e drogarias. — Depozitarius M. L. DE BELLLO, Largo de S. João, n.º 12, 1.º e 2.º Andares.

ANODOL

E. DIAS SERRAS

CASA DE LOTERIAS E TABACOS

26 RUA DO OURO 26

Especialidade em tabacos havanos e da Bahia

NUMEROS PERMANENTES DA CASA

331	332	895	1351	1440	1441	1867	1888	1892	1942	2030	2262
2263	2268	2292	2343	2353	2377	2393	2396	2397	2398	2738	2856
2959	2965	3089	3369	3621	3622	3625	3624	3625	3626	3627	3628
3629	3630	4641	4642	4643	4644	4645	4646	4647	4648	4649	4650

E MUITOS OUTROS AVULSO

Vantajosa concessão: **Brinde a todo o publico**

BLITZ

DESINFECTANTE SOLIDO

C. Klein & C.ª - Lisboa

BRAZIL — UNIÃO DOS PROPRIETARIOS

COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES

18, Rua da Candelaria, 18 — Sobrado

Deposito no Thesouro Federal 200.000.000

Autorizada a funcionar por carta-patente, inserida na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4270, de 10 de dezembro de 1901. — Seguros predios, malta, seguros de commercio, maritimo, oileiras e todo mais quanto se relacionar com seguros terrestres. Aceita subscrições para alimantar bens por conta e ordem de terceiros, encaregandose inclusive do tratamento de pios de apolicea, dividiendo de acções da fazienda e comissões d'essa fazienda, mediante moeda committida.

Directores — Antonio José Luiz de Souza, Antonio Maura da Costa, Antonio José Alexandrino de Castro, — Gerentes — José Campello d'Almeida, Francisco Alves Soares Brito, Daniel Pereira dos Santos, Antonio de Farias Gonçalves Guimarães, João da Rocha Romariz e João Jorge da Silva.

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado — RIO DE JANEIRO

TENDES UM **GRAMOPHONE?**

ISTO É

TENDES O **GRAMOPHONE?**



Porque ha inumeras e variadissimas machinas falantes, mas só o

GRAMOPHONE

é o considerado como a unica machina perfeita e completa, transmittindo os sons com todo o brilho e pujança, a unica que se ouve com agrado e prazer, e isto é tão verdade que, de todos os artistas celebres do mundo, nem um só hesitou em attestar que o GRAMOPHONE é o mais fiel reproductor das vozes e dos sons, e que a nossa incalculavel clientela continua a preferir o.

Gramophone n.º 3, com braço, EXHIBITION.	14\$000
Gramophone n.º 7, com braço, ACUSTICO	57\$000
Gramophone n.º 9 B	64\$000
Gramophone n.º 15	84\$000
Gramophone n.º 15 (LUXO)	96\$000

TRIPLEOPHONE A ultima palavra em machinas falantes **190\$000 réis**

Toda a gente pôde pedir um catalogo gratis e franco de porte a **COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE**

Largo da rua do Principe, 8, 1.º, ao Rocio

Agentes da Companhia em Lisboa: C. CALDERON — Rua dos Fanqueiros, 300. EDUARDO BAPTISTA — Rua do Ouro, 175. LEOPOLDO WAGNER — Rua do Ouro, 75. SANTOS DINIZ — Praça dos Restauradores, 52.

Agentes da Companhia na provincia: PORTO — ARTHUR BARBEDO — Rua Mousinho da Silveira, 310, 1.º BRAGA — MANUEL ANTONIO MANEIRO. MORA — ANNIBAL DIAS SARAIVA.